

## UTILIZAÇÃO DA METÁFORA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA.

Autora: Ariane Garcia da Costa; Co-autora: Ludmila Bezerra Costa; Orientador: Ricardo Yamashita dos Santos.

*UnP – Universidade Potiguar, [arianegarcia1999@gmail.com](mailto:arianegarcia1999@gmail.com); [ludmilcosta98@gmail.com](mailto:ludmilcosta98@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo central apresentar as expressões linguísticas metafóricas utilizadas na cultura inglesa, visando o ensino e aprendizagem da língua através do uso das metáforas conceptuais, mostrando a importância do ensino de cultura para o aprendizado de uma língua. Para alcançar nossos objetivos, utilizamos como referencial teórico a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003), na qual os autores apresentam os conceitos de metáfora, domínio origem e domínio alvo, bem como o de mapeamento, principais conceitos utilizados na teoria e considerados para a análise das expressões que compuseram corpus desta pesquisa.

**Palavras-chave:** metáfora; língua inglesa; cultura.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre metáforas têm sido crescente nos estudos de linguagem entre alguns dos pesquisadores estão Ortony (1993), Lakoff e Turner (1989), Gibbs (1994), Coracini (1991), Lima (1996, 1999), que veem a metáfora não mais na visão tradicional como uma figura de linguagem, mas como uma forma do homem expressar suas experiências e concepções do mundo. Lakoff e Mark Johnson apresentaram a Teoria das Metáforas Conceituais, em seu livro *Metaphors we live by* (Metáforas da vida cotidiana), na qual a comunicação está dentro de um sistema conceptual em que a linguagem é fonte de evidência. Para eles:

Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45-46).

Desse modo entendemos que a metáfora não é compreendida somente como uma figura de linguagem, mas sim algo que está inserido em nosso cotidiano, enraizado na nossa cultura, de forma que a utilizamos muitas das vezes sem perceber.

Da mesma maneira pesquisas sobre a aquisição de novos idiomas também vem se fazendo muito presentes no âmbito acadêmico. Segundo Mitchell e Myles (1998:2), a necessidade de se entender melhor o processo de aquisição de segunda língua deve-se a duas razões básicas: [a] o aumento de conhecimento nessa área é interessante por si, além de permitir que se compreendam melhor questões ligadas à natureza da linguagem, da aprendizagem humana e mesmo em relação à comunicação; [b] tal conhecimento será útil, pois se pudermos explicar melhor o processo de aprendizagem, melhor poderemos dar conta do porquê de sucessos e insucessos observados em aprendizes de L2.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada para esse artigo foi de uma pesquisa de nível explicativo, com o intuito de apontar os fatores que corroboram com a ideia que o ensino de uma segunda língua através das metáforas conceptuais pode acarretar um melhor aprendizado dos estudantes.

Para a coleta de dados foi feita uma pesquisa bibliográfica focada em livros e artigos de autores conceituados no campo das metáforas conceptuais como: Lakoff, Johnson e Kövecses. Também analisamos Stephen Krashen, autor que aborda o ensino de uma segunda língua,

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a discussão que desempenhamos agora, atribuímos à noção de cultura que Kövecses (2005, p. 01) adotou que diz: “cultura como sendo um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”. A língua é a expressão da mente. Ela é o pilar que desfrutamos para elaborar nosso pensamento e para nos expressarmos. Segundo alguns autores, entre eles Byram, Peoples, Bailey, Halliday, Hasan e Kress, existe uma relação intrínseca entre a língua e a cultura no aprendizado de línguas estrangeiras, ou seja, há relação entre o idioma e a cultura, as mesmas se vinculam e juntamente constroem e alteram a dinâmica social. A língua tem como função expressar a cultura para permitir a comunicação social. Se renunciarmos o olhar para um único indivíduo e encararmos um grupo social mais amplo, é fácil observar a relação entre o idioma e a cultura. Tentar entender uma conceituação que não está presente no nosso idioma pode ser um verdadeiro exercício mental, pois iremos nos deparar com uma fala ou escrita que não é de nosso habitual sistema comunicativo.

Os primeiros estudos a respeito da metáfora datam da Antiguidade, com o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), cuja definição, “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia”, ainda hoje é discutida e tem papel fundamental para algumas teorias desenvolvidas neste século. A metáfora foi sempre investigada no âmbito da eloquência como um ornamento linguístico, mas a partir de 1980 com os estudos empreendidos por Lakoff e Johnson, percebemos que a metáfora passou a ser tratada como um recurso cognitivo.

Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 47-48), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. A partir desse pensamento, Lakoff e Johnson (1980) chegam a conclusão que a metáfora excede os limites estilísticos presentes na poesia ou na retórica, e na verdade, se encontra presente em nosso cotidiano, em todos os nossos pensamentos e ações, e que, normalmente não temos consciência desse sistema conceptual que subjaz à linguagem. Ele simplesmente ocorre no dia a dia, quer queiramos ou não. Nas palavras dos autores

A maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso

sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

O processo da linguagem é altamente metafórico, então, se o conceito e a ação são estruturados a partir de metáforas, logo a linguagem também será. Vários dos nossos conceitos são formados por uma ou mais metáforas, e a experiência com o mundo físico, tanto no sentido cultural, como no sentido corpóreo, possibilita a formação de base para metaforizarmos expressões linguísticas como *'Veja a que ponto chegamos'*; *'amor é uma loucura'*. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) dividem as metáforas conceptuais em três categorias: estruturais, orientacionais e ontológicas.

Metáforas Estruturais são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro. Elas mapeiam a estrutura do domínio fonte em relação ao domínio alvo, e assim, permitem os falantes a entender um domínio em termos do outro, exemplo: *"Tempo é dinheiro"*, *"Você está desperdiçando dinheiro"*, *"Eu não tenho tempo para te dar"*. As orientacionais são aquelas que utilizam como domínio fonte uma orientação espacial, como podemos ver nas metáforas *"FELIZ É PARA CIMA"* e *"TRISTE É PARA BAIXO"*, nas quais as orientações para cima e para baixo servem de base para a organização dos conceitos em apreço. Essa organização é permitida a partir de uma motivação da experiência corpórea que, segundo os autores, direciona o uso que se faz da linguagem, conseqüentemente o sistema conceptual, variando de cultura para cultura. Os autores acrescentam, ainda, que utilizam a palavra *'é'* ao falar sobre metáforas conceptuais. As metáforas conceptuais caracterizadoras do conceito relacionamento: uma abordagem cognitiva como *MAIS É PARA CIMA*, mas o *'é'* deve ser visto como uma abreviação para uma série de experiências nas quais a metáfora se baseia e em termos das quais nós a entendemos". (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 69). Por fim, as metáforas são conceptuais por natureza e é um dos nossos maiores caminhos para o entendimento. Tal abordagem proposta pelos autores passou a ser chamada Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

Quando se trata da questão do ensino-aprendizagem de língua estrangeira, falamos sobre o ensino mecanicista das escolas de ensino básico, até mesmo alguns cursos de idiomas, e que aborda somente assuntos gramaticais, mostrando o quanto a escola e o corpo docente não atualizam-se e também não buscam por isso, vem à tona o aspecto da convencionalidade, vínculo ou prototipicidade metafórica. Como já evidenciado por inúmeras pesquisas, as metáforas convencionais, aquelas com as quais os indivíduos já estão bastante familiarizados,

não exigem esforço cognitivo maior de processamento que a linguagem dita literal (Gibbs 1994, 2002; Kintsch 1998; Kintsch & Bowles 2002).

Esses exemplos corroboram a argumentação de Deignan (2003:269) que enfatiza o papel da cultura na determinação do conteúdo e da forma de expressões metafóricas. Mas a autora, como Kövecses (2005), nos alerta que a metáfora que usamos hoje pode não refletir a compreensão atual sobre a nossa cultura. A pesquisadora afirma que muito das expressões metafóricas foram geradas a partir de determinadas situações históricas e, na medida em que elas se fossilizam, sua motivação fica, de certa maneira, pouco transparente para os falantes de uma língua. Isso, de certa forma, nos alerta para o problema do enfoque cultural na metáfora. E, neste caso, Boers (2003:235) referenda Deignan (2003) que acredita que devemos abordar a metáfora na linguagem, em sua grande parte, como uma reflexão diacrônica de cultura, e não sincrônica. E, assim, uma determinada expressão metafórica, ao longo do tempo, pode tornar-se opaca para a compreensão do falante daquela língua.

As metáforas organizam a interpretação, requerem à interação, forçando os ouvintes a perceberem a semelhança entre os domínios fonte e alvo, têm a função de organizar conceitos sistemáticos nos modelos cognitivo-culturais dos professores quanto à aprendizagem, ou seja, estimula a aprendizagem. As metáforas funcionam como clichês básicos, pelos quais os professores transformam as imagens em modelos que passam a fazer parte do repertório de outros falantes;

Tendo como principal foco analisar a cultura dos falantes da língua inglesa, uma pessoa (que preferiu ter seu nome preservado) foi analisada para que o trabalho pudesse ser concluído, esta pessoa, apesar de não ser natural dos EUA, convive há mais de 10 anos com a língua e cultura inglesa. Sendo o objeto de estudo, foi pedido que a pessoa assemelhasse frases metafóricas do português e, se possível, associasse com frases metafóricas do inglês e vice-versa, as frases utilizadas foram:

**“Drive me bananas”** expressão que pode ser traduzida como “você me deixa louco”. A origem metafórica dessa expressão data dos anos 1960 quando alguns integrantes da cultura hippie começaram a fumar cascas de bananas dizendo que lhes davam efeitos alucinógenos.

**“A piece of cake”** que pode ser traduzida como o “mamão com açúcar” do nosso português.

**“Buy something”** que significa quando você realmente crê em algo.

Perceba que mesmo sendo frases metafóricas em inglês, em todos os casos o sentido dela também é gerado por uma frase metafórica em português (caso não a traduzam ao "pé da letra" e sim de acordo com uma frase semelhante da nossa cultura), isso significa que ainda que sua estrutura sintática seja parecida (porém, cada estrutura em seu idioma), sua semântica seria completamente diferente, mas como se trata da análise de frases metafóricas o sentido passa a ser o mesmo.

Segundo Stephen Krashen (1997), a aquisição da linguagem consiste no ato de conviver com a cultura da língua e adquirir todo o conhecimento que lhes é dado, assimilando o vocabulário com a estrutura do idioma foco, diferente da aprendizagem, que seria somente aprender o conteúdo da escola e/ou cursos de idiomas, de forma que não tenham, necessariamente, que aprender sua cultura (o que implica a aquisição das metáforas). De acordo com Krashen, fica mais explícito a necessidade de se adquirir a cultura da língua para que, não somente as metáforas, mas o todo, seja compreendido pelos alunos e falantes.

Então, partindo da concepção que metáforas conceptuais estão presentes a todo instante nas línguas, e que essas metáforas refletem, muitas vezes, parte da cultura de um povo, podemos concluir que o ensino de uma segunda língua, utilizando-se de metáforas daquele idioma, ajudariam os estudantes a compreenderem como os falantes daquela língua percebem o mundo. Cortazzi & Jin (1999), em seu artigo "*Bridges to learning...*", propõem que as metáforas funcionam como uma espécie de ponte que une o desconhecido ao conhecido, o tangível ao menos tangível, o familiar ao novo. Assim, as metáforas permitem com que os alunos entendam a experiência de alguma coisa em termos de outra, como o afirmam Lakoff & Johnson (1980) em sua essência.

## CONCLUSÃO

Após a análise de artigos e livros, fica notória a ideia de que ainda faltam pontes que liguem a teoria cognitivista da linguagem com o ensino-aprendizagem de novos idiomas. Fica claro a ideia de que as metáforas estão dos dois lados do processo. Como já dito, a metáfora, além de ser um meio de desconstrução do sentido abstrato por meio das nossas experiências culturais e corpóreas, é um mecanismo de aprendizagem (Grimm-Cabral 1994). De acordo com Petrie & Oshlag (1993), constrói-se novo conhecimento por analogia a modelos que já se possui.

Em uma ampla e relevante investigação sobre o uso de metáforas no ensino e aprendizagem da língua, conclui-se que para aprender um idioma, não basta apenas decorar as regras gramaticais e ter um bom vocabulário, é preciso também aprender a cultura. Com o inglês não seria diferente, aprender inglês significa aprender a cultura dos países onde o inglês é falado, portanto, o ensino de língua, necessita, com certeza, de um ponto de apoio social e cultural.

O futuro aponta para novas pesquisas nesse âmbito. Faz-se necessário aprofundar estudos já existentes e que surjam pesquisas de cunho quantitativo para que possamos ter uma base de dados maior sobre as metáforas aprendidas por falantes de segunda língua, e qualitativas para compreendermos como metáforas conceituais são processadas por pessoas não nativas daquela cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLEGARI, Marília Oliveira Vasquez. **Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen** – Uma ponte entre a teoria e a prática na sala de aula. **Trab. Ling. Apl.**, v. 45, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132006000100006>>. Acesso em: 02 set. 2018.

CORTAZZI, M; JIN, L. **Bridges to learning: Metaphors of teaching, learning and language**. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 149-176 p. GIBBS, R. W. et al. Metaphor in Idiom Comprehension. **JOURNAL OF MEMORY AND LANGUAGE**, California, n. 37, p. 141-154, out. 1994.

Grimm-Cabral, L. (1994). **The role of metaphor in informative texts**. 181f. Tese (Doutorado em Letras opção Língua Inglesa e Lingüística aplicada) – Pós- Graduação em Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva De; FARIAS, Emilia Maria Peixoto; LIMA, Paula Lenz Costa. **Metáfora, cognição e cultura**. Gragoatá, Niterói, n. 26, p. 43-60, jan./jun. 2009.

Petrie, H. G. & Oshlag, R. S. (1993). **Metaphor and learning**. In A. Ortony (Ed.): *Metaphor and Thought* (pp.579-609). 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, R. Y.. **As metáforas da RAIVA: uma abordagem cognitiva**. In: 25ª Jornada Nacional do GELNE, 2014, NATAL. Anais da XXV Jornada do GELNE. NATAL: EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-10.

